

POR UMA HISTORIOGRAFIA DO LOCAL

Dora Shellard Corrêa (UNIFIEO/CDHO)

Nulri Meneses de Souza (UNIFIEO/CDHO)

Estamos principiando uma pesquisa sobre a historiografia a respeito de Osasco, município localizado na região metropolitana de São Paulo, que até 1962 era um bairro da capital. Objetivamos examinar tanto as obras acadêmicas, teses e dissertações, quanto os livros não acadêmicos e artigos de jornais locais. Todos elaborados por cidadãos osasquenses. O que nos levou a esse projeto foi o fato de se notar a dificuldade em obras especialmente não acadêmicas em fugir de alguns temas e periodizações: fala-se da imigração e da industrialização; retorna-se rapidamente ao século XVII, e daí se dá um grande salto ao século XIX e XX. A história como movimento acontece só aí. Entretanto, as teses e dissertações sobre fatos e processos ocorridos em Osasco, não só forneceram subsídios para esses relatos, como também acabaram legitimando alguns de seus aspectos, ainda que contrariamente à sua intenção. Com esta pesquisa queremos levantar e analisar a produção historiográfica acadêmica e não acadêmica sobre Osasco produzida por moradores da cidade. Investigar a memória que ela tem construído e as representações em que se sustentada, que produz e reproduz. Com o estudo esperamos construir um instrumental crítico que possibilite refletirmos sobre a historiografia de Osasco, mas também discutirmos o local das histórias elaboradas por pessoas locais com ou sem objetivos científicos/acadêmicos e o diálogo entre produção acadêmica e produção local.

Nesta comunicação iremos apresentar alguns resultados iniciais de pesquisa sobre o que estamos denominando, por falta de uma expressão melhor, de historiografia local ou do local. Escolhemos o município de Osasco como esse local.

Os estudos historiográficos tem se debruçado sobre obras acadêmicas sobre a história do Brasil ou história regional. Praticamente, a análise de livros sobre a história local,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

elaborados por moradores, com ou sem pretensão acadêmica, inexistem no Brasil. Aqueles que originários de dissertações ou teses são analisados junto com os seus pares de mesmo tema: movimento social, cultura e etc. Os demais não são considerados história. Por terem um trato teórico metodológico reconhecido pela academia, ou por se acreditar erroneamente que se apoiam numa historiografia ultrapassada, por reproduzirem mitos já há muito descartado e por muitas vezes estarem sendo financiados pelo poder público e reproduzindo uma história oficial, essas obras são desconsideradas como material de pesquisa.

Mas é um engano acreditar que sua produção acontece isolada, que não dialoga com a “história-ciência” ou que a academia a desconsidere por completo. Por um lado, se o trato da documentação e dos dados empíricos conforme os preceitos da metodologia científica singular da história é um pressuposto das dissertações e teses, os demais livros e artigos publicados sobre Osasco também são resultado de uma investigação que busca objetividade, elaborada por pesquisadores que tem condições formativas para tal. A maior parte fez uma pós-graduação em ciências humanas, história ou geografia. Por outro lado, na academia, ao desenvolvermos investigações que demandam uma abordagem diacrônica sobre um município ou um fenômeno dele, não raro, por questões de metodologia científica somos levados a ler todas essas obras “locais”, seja para criticá-las seja para buscar uma informação que é marginal ao centro do estudo. É inevitável que alguns resquícios dessa produção local se mescale no texto acadêmico. Trata-se de um engodo acreditar que se possa separar numa narrativa o que é dado objetivo do conteúdo político ideológico. A própria seleção dos dados numéricos é um ato político uma vez que ela é fundamentada numa teoria e metodologia que reflete uma visão de mundo.

É um engano esse desprezo por essa produção não acadêmica local justificado pela constatação de que ela tem um impacto que se restringe quando muito aos munícipes e que se atem fundamentalmente ao que é singular, particular do local, não dialogando com a historiografia mais geral. Por um lado, não se trata de uma questão puramente quantitativa: quantos conhecem a história de seu município. Mas é um problema qualitativo, como esse discurso é assimilado, o que ele informa e o que encobre. Por outro lado, os professores do ensino básico tem sido estimulados a trazerem para a sala de aula a história do município. Essas obras não acadêmicas produzidas localmente são algumas das principais fontes que eles

têm à mão. E, finalmente, os jornais e, hoje em dia, os blogs e sites validam essas memórias e até as completam. Ou seja, essas memórias podem não permear o trabalho de alguns poucos, mas influenciam muitos inclusive dentro da academia. Encontramos algumas pesquisas científicas em Ciência Humanas que se debruçaram sobre Osasco que recorreram a essas obras locais de onde extraíram alguns dados ou fatos, que por serem numéricos ou comprovados por documentos, foram considerados objetivos.

É pertinente, portanto, que analisemos essa produção e seu diálogo com a historiografia científica, para conhecê-la melhor, assim como a historiografia acadêmica e para criar um instrumental crítico para abordá-las. As obras historiográficas não acadêmicas produzidas por habitantes de Osasco expressam a história oficial, reproduzem, portanto, mitos e representações presentes nesse discurso. As obras acadêmicas, embora críticas, talvez incorporem elementos desse discurso oficial, como as obras não acadêmicas trazem elementos da literatura produzida na Universidade. Como apontou Maria de Lourdes Janotti; “O discurso histórico presta-se a ser – e tem sido – um campo fértil de produção e reprodução ideológicas, e vinculando-se, portanto, a compromissos com as classes dominantes”. (JANOTTI, p. 83)

Toda obra historiográfica é uma obra sobre o presente, seja ela produzida para a obtenção de um grau acadêmico, seja para exaltar uma comunidade, seja para atender a uma demanda econômica ou política. Não se está afirmando que elas são indistintas teórica e metodologicamente e que seu papel e objetivo sejam os mesmos, mas somente que todas falam consciente ou inconscientemente do momento em que são produzidas.

Conforme Josep Fontana o historiador busca no passado a explicação e justificação do seu presente, da sociedade que observa e em que se insere como um sujeito social e político, para projetar para o futuro, revelando o seu projeto social. Portanto, a história que se escreve expressa também a visão que o historiador tem de seu presente.

O historiador monta um plano, seleciona, organiza e analisa os dados/fatos a partir de determinado prisma teórico metodológico e do contexto geral em que se encontra. O todo do texto resulta em representações, imagens que reproduzem aspectos da realidade, porém encobrem outros. Daí o relato passar uma visão parcial do real. Segundo Henry Lefebvre

algumas representações vem de longe, de outro momento e outro contexto e se acomodam à nova realidade. Outras são recentes tendo ou não um objetivo claro de dominação.

Portanto, a análise contextualizada dessas obras, dos dados selecionados, de sua organização e da descrição nos falará mais sobre o momento em que elas foram produzidas e sobre os sujeitos sociais que as produziram do que o que realmente aconteceu. Mas esse é o ponto de partida para vislumbrarmos o que está sendo ocultado, as representações que vem de longe e aquelas que têm o objetivo consciente de deformar a realidade.

Osasco possui uma produção historiográfica singular. São histórias, memórias e relatos sobre o cotidiano da cidade e dissertações e teses acadêmicas escritas por osasquenses. Desse total, expressiva parte discute Osasco após a emancipação, ou seja, após 1962. O mais interessante é notar que 25% dessas obras foram publicadas nas décadas de 80 e de 90 enquanto que 75% no novo milênio. É uma produção nova que alavanca somente vinte anos depois da criação do município. Se o predominante são livros escritos por encomenda ou em razão de interesse próprio, essa não era a regra na década de 80, quando praticamente o que se escreveu se resume a dissertações e teses defendidas na Universidade de São Paulo ou Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sobre as obras historiográficas relativas à Osasco vamos encontrar desde o livro de Helena Pignatari, um dos primeiros, datado de 1981, originário de uma dissertação de mestrado em História, *Raízes do movimento operário em Osasco*, defendida um ano antes na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao de Neyde Collino de Oliveira e Ana Lúcia Marquetti Rocha Negrelli, *Osasco e sua História*, publicado em 1992, duas educadoras de Osasco, e, finalmente, o livro *Osasco História e Identidade*, escrito por Maria Inês Zampolim Coelho, Helio Marcos Moreti e Maria do Carmo Messias, historiadores e geógrafa, com mestrado, professores da FITO – Fundação Instituto Tecnológico de Osasco - que financiou a obra em 2004. Esses dois últimos talvez sejam alguns dos livros mais consultados pela população local e professores. Recentemente, em 2010, foi publicado o livro de Laura Leal, *Cem anos sem Antônio Agú*, uma cerimonialista da Câmara Municipal de Osasco. Também uma interessante fonte historiográfica são os artigos publicados em revistas, jornais e no site

da Câmara entre outros por Mara Danusa, administradora e jornalista da mídia local. Enfim, o que se nota é que há uma variedade expressiva de obras, produzidas por moradores da cidade com formação universitária e quase todos com pós-graduação em ciências humanas.

Os artigos e livros publicados sem objetivos acadêmicos, parecem, num primeiro momento, fundarem uma memória “oficial” que, ao tratar da formação da cidade, marca como acontecimentos fundadores a construção, no final do século XIX, da estação da Sorocabana pelo imigrante italiano Antônio Agu, denominada de Osasco, a execução de seus empreendimentos imobiliários e industriais, bem como o estabelecimento de empresários como o francês Lavaud de Sesaud. Quanto a Raposo Tavares e a implantação de sua sesmaria no século XVII sugere-se serem fatos de uma “pré-história”, não contendo elementos identitários que a população que habita o município atualmente possa reconhecer.

As dissertações e teses sobre Osasco buscam a objetividade através do trabalho teórico metodológico, estabelecendo a crítica às memórias mistificadoras e deturpadoras da realidade. Contudo, todas foram escritas após a emancipação e algumas no contexto de construção de uma identidade osasquense, outras de uma luta contra o autoritarismo implantado em 1964. Debruçam-se especialmente sobre indústria e os movimentos sociais. Talvez elas não tenham conseguido ficar totalmente à par das influências daquele movimento identitário. Talvez resíduos dessa memória hoje “oficial” estejam camuflados em descrições à margem do foco central do texto ou nas notas de rodapé.

Num primeiro rastreamento dessas obras elas se repetem quanto ao início, ao nascimento de Osasco com a fundação, por Antonio Agu, o patrono do município, da estação Osasco da Sorocabana. Contudo, há a necessidade de se recuar ao século XVII com o estabelecimento da sesmaria de Raposo Tavares, ligando aquela área ao movimento de entrada dos bandeirantes na América portuguesa. Porém, a referência a esse momento, tem mais o papel de informar que aquelas terras já estavam ocupadas, como a afirmação que haviam índios no Brasil á chegada de Pedro Álvares Cabral, na história geral do Brasil. A origem de Osasco ou do osasquense não se dá nesse momento. É a repetição inconsciente de um modelo bem conhecido, o da própria história do Brasil. Mas há mais.

Como já foi apontado Maria de Lurdes Janotti há uma resistência a se desenvolver e publicar estudos sobre São Paulo como pesquisas em uma história regional, em parte por medo de sua transformação num discurso regionalista. Podemos ver esse fato como um reflexo do peso dos estudos dos bandeirologistas que criaram tradição nas primeiras décadas do século XX. No pós guerra tais obras foram criticadas pelo seu caráter ideológico e, especialmente, pelo discurso marcadamente regionalista que propunha o separatismo indiretamente ou diretamente como no caso de Alfredo Ellis Júnior. A crítica vulgar ao mito do bandeirante se restringe ao seu aspecto heroico: “a raça de gigantes”, como foi o título de um livro de Alfredo Ellis. Porém, todos esses bandeirologistas reconheciam que os bandeirantes eram brutos, que a maioria era mameluco, tendo muito da cultura indígena. Entretanto, foram os desbravadores do Brasil. Mas não foram eles que criaram a nação, eram por demais brutos e anárquicos para tal. A ordem virá da Europa, com chegada da família real a partir de 1808. A civilização do Brasil e depois a criação da nação esteve ligada à ordem imigrada ou importada conforme essa visão conservadora.

O imigrante foi visto até a década de setenta, não só pela historiografia conservadora, como o elemento dinamizador e transformador da economia paulista na passagem para o século XX. Era o italiano que chegou com um pouco de capital e se fez industrial, era o imigrante que veio trabalhar como operário.

No caso da história de Osasco, apesar da referência a Raposo Tavares é à sua sesmaria o início do movimento só se dará duzentos anos depois. O nome, e a identidade osasquense só surgem com a chegada de um italiano, Antônio Agu, um negociante de terras que se envolve na produção de tijolos e cerâmicas e de outros italianos atraídos por ele que se empregaram nas nascentes indústrias da área. O início, a fundação da cidade, a formação de uma identidade se deu nesse momento e com essas pessoas. Contudo, essa própria história e as fotos que as ilustram deixam indícios de que outras pessoas já moravam na localidade e plantações que já existiam. As fotos mostram terrenos desmatados, com uma rala vegetação secundária que indicam o seu desgaste pelo uso.

Esse início está ligado à implantação de indústrias, algumas iniciadas em sociedade com Antonio Agu e que tinham italianos como operários. As indústrias transformam o pequeno núcleo formado a partir de uma estação da Sorocabana num importante centro

capitalista, numa cidade do trabalho. Portanto, o movimento do tempo na área só passa a ser detectado a partir do final do século XIX com Antônio Agu/estação da sorocabana e a industrialização. Até então não há história, de Raposo Tavares, que poucos documentos e obras materiais deixou à última década do século XIX, a área que compõe Osasco parece ter parado no tempo, mesmo se tendo em conta que ela estava apropriada por uma dúzia de brasileiros e suas terras trabalhadas por outras centenas de pessoas.

Esse modelo reproduz mitos da história paulista: o bandeirante como a pré-história do São Paulo “locomotiva da nação”, o imigrante e a indústria como a modernidade e o trabalho. Talvez por seja tão difícil fugir a esses elementos quando se conta a história de Osasco. Ela é legitimizada pela própria história de São Paulo que se apresenta como história do Brasil.

Essa periodização, século XVII como pré-história e final do século XIX como início da história foi fixada ao que parece por um artigo acadêmico de uma osasquense, Helena Pignatari Werner apresentado em 1966 no congresso da ANPUH, acontecido em Franca em que ela apresenta um estudo sobre a fábrica de pitos criada em Osasco por uma família de imigrantes italianos e principia o texto apontando a origem da ocupação daquelas terras no século XVII. Essa historiadora, contudo, pelo que continua a escrever mostra-se interessada em retratar a origem operária do município e não tanto criar a história de uma identidade como será o caso dos livros aqui analisados.

A história contada por Helena Pignatari começa com:

“Osasco e seus arredores pertenciam, em meados do século XIX, a um rico latifundiário de nome João Pinto. As terras deste tinham como limites: ao norte, o rio Tietê; ao sul, a estrada de Cotia; ao nascente, os rios Pinheiros e Pirajussara; e a poente o rio da Cotia. Posteriormente, parte dessa área foi vendida ao coronel Licínio de Camargo e outros.

Incrustadas nesse vasto território achavam-se as terras do sítio de Quitaúna, que ocupava uma curva do rio Tietê, onde está hoje o quartel de Duque de Caxias. Esse sítio pertenceu a Antônio Raposo Tavares e depois a Chico de Brito; com a morte deste, ficou morando ali seu filho Cândido Mariano de Brito. O sítio era cortado pelo Tietê; nele havia uma vila de pescadores chamada Vila dos Remédios, em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios. Rio abaixo, as terras pertenciam ao dr. Feliciano Rosa, até um ponto em que um valo (sem nome) sai do rio Tietê. Daí até a foz do Ribeirão Vermelho, um terreno que se alargava para o interior pertencia ao dr. Víctor M. Silva Airosa.

Descendo o rio Tietê, à margem direita encontrava-se o sítio de Joaquim Leonel, tendo ao fundo o sítio da Cavaca, propriedade de um alemão, Max Leonard

Osasco era por essa época apenas uma chave (km. 16) da Linha Sorocabana. A origem da cidade deve-se realmente a um italiano de nome Antônio Agu, funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, que em 1893 comprou uma gleba de terra compreendida entre os córregos Bussocaba e Aguadinha, e tornou-se fornecedor da Estrada de Ferro Sorocabana, à qual vendia areia, telhas e tijolos.

Quando, em 1895, foi aberto pela Sorocabana o desvio de Boycicaba (hoje Bussocaba), houve necessidade de melhorar o serviço telegráfico, em vista do grande movimento que começou a registrar-se. Antônio Agu, logo a seguir, construiu uma estação de alvenaria no km. 16 da ferrovia e a ofertou à Companhia Sorocabana, pedindo-lhe fosse essa estação chamada Osasco, nome de sua terra natal na Itália”

Esse artigo define uma periodização da história que é repetida até a atualidade. A história de Osasco inicia no século XIX embora possamos recuar até o século XVII e recuperar um herói nacional, ou regional. Enfim Osasco é São Paulo e coimo tal é o Brasil. A sua singularidade é dada por Antonio Agu. O imigrante italiano que tem um nome, assim como o Bricola, o Matarazo, mas o Laveout é tratado como um capitalista francês. Eles criam Osasco, o município e os demais italianos vem trabalhar e o povoam.

Essa narrativa, portanto, é sustentada em bases bem sólidas que é a própria história da de São Paulo e pelo fato de originar-se da academia. Mas seus pés sapateiam perigosamente aos sons dos mitos de uma história regionalista: o bandeirante, o imigrante e a indústria como aspectos identitários do paulista. A crítica só é possível quando chegarmos a o que ou a quem esses mitos estão encobrando.

Referências Bibliográficas

COELHO, Maria Ines Zampolim; MORETI, Helio Marcos; MESSIAS, Maria do Carmo. **Osasco**. História e identidade. Osasco: Fundação Instituto Tecnológico de Osasco – FITO, [2004].

COUTO, Ari Marcelo Macedo; MATOS, Maria Izilda Santos de (Orient.). **Ao soar do apito a greve começou**: Cobrasma lutas e resistências [1962-1968]. Sao Paulo, 2001. 151 p. Dissertação [mestrado] - Faculdade de História - Pontifícia Universidade Católica

COUTO, Ari Marcelo Macedo. . **Osasco**: lutas e resistências nos anos 60. Osasco , v.6, n.10 , p.17-27, jun. 2007.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Historiografia, uma questão regional? São Paulo no período republicano, um exemplo. In: SILVA, Marcos (Org.). **República em migalhas**. História regional e local. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1990.

FONTANA, Josep. **História**: análise do passado e projeto social. Bauru: Edusc, 1998.

LEAL, Laura. **Cem anos sem Antônio Agú: 1887-2009**. São Paulo: Novo Século, 2010. 329p

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y La ausência**. Contribución a La teoria de las representaciones. Mexico: Fundo de cultura econômica, 1983.

OLIVEIRA, Neyde Collino de; NEGRELLI, Ana Lúcia M. Rocha. **Osasco e sua história**. São Paulo: C. G. Editora, 1992.

SAKAMOTO, Alba Rogeria dos Santos; COELHO, Maria Ines Zampolim. FUNDAÇÃO INSTITUTO TECNOLÓGICO DE OSASCO. **Osasco, uma viagem no tempo e no espaço**: história da cidade para o ensino fundamental. São Paulo: Brasil do Prata, 2002.

WERNER, Helena Pignatari. **Raízes do movimento operário em Osasco**. Sao Paulo: Cortez, 1981.

WERNER, Helena Pignatari. O artesanato no município de Osasco em fins do século XIX – Uma família: Viviani – A fábrica de pitos. Trabalho apresentado no **III Simpósio nacional de Professores de História**. Franca, 1965.